

FH abre o jogo

VILLAS-BÔAS CORRÊA *

Pode ser que o presidente Fernando Henrique Cardoso não alcance os resultados esperados com a entrevista coletiva convocada para hoje. Convém, entretanto, prestar atenção nos recados explícitos ou dissimulados que devem estar sendo preparados e que justificam a iniciativa. Nas circunstâncias, sem dúvida intrigante.

A prometida rotina de entrevistas regulares há muito foi esquecida. E não por acaso, por excesso de trabalho ou escassez de novidades. O governo viveu seu inferno de turbulência com a sucessão de escândalos, esguichando em jacto incessante e que o empurraram para a defensiva. Entende-se que, na fervura, não era conveniente expôr o presidente às impertinências dos repórteres.

Acontece que não foi o que se viu. Na verdade, nunca Fernando Henrique falou tanto quanto nos três ou quatro meses de sufoco. Aqui, e principalmente no exterior. Longe dos exageros de cuidado da segurança, nas muitas viagens pelos quatro cantos do mundo tem se servido de câmeras e microfones, sempre disponíveis, a seu serviço exclusivo, para falar pelos cotovelos. Ficou nos limites do bate-boca sobre as denúncias e críticas ao projeto do Serviço de Segurança da Amazônia (Sivam), as listagens de gorjetas da pasta cor-de-rosa, o estouro do Banco Econômico, o escarcêu da reação baiana. Topou todas as provocações.

Certamente Fernando Henrique caiu em si e recolheu-se à quarentena para a recuperação dos exageros.

E agora aqui o temos de regresso, como o boêmio do samba popularíssimo, e em dose dupla. Começou quebrando a norma que vinha seguindo de não conceder entrevista exclusiva a ninguém. A regra funcionou, ao menos para uso interno. Recebeu jornalistas para conversas abrangentes, abertas, mas sempre sob o compromisso expresso e respeitado de que não se tratava de entrevista. Nada de declarações entre aspas. O registro jornalístico deveria enquadrar-se na velha fórmula escapista de contornar a restrição sem privar o leitor das avaliações presidenciais ou das informações recolhidas na informalidade da palestra sem censura.

Coube à *Veja* o privilégio da primeira entrevista exclusiva do presidente, com a regalia de conversa de três horas no aconchego do Palácio do Alvorada. Perguntas dos repórteres e respostas do presidente, reproduzidas na vivacidade do diálogo, derramam-se por oito páginas, enfeitadas por fotos e gráficos e mereceram a gala da matéria de capa.

Por em cima do ruído da cópia entrevista exclusiva, sem pausa para que baixasse a cortina do silêncio, a imprensa é convocada para a solene pompa da entrevista coletiva. Com todo o protocolo que tem direito: o presidente no respeitoso relevo do lugar à mesa, alteada por estrado, dezenas de microfones, gravadores e câmeras compondo o cenário e os repórteres sentados no auditório. Ouvintes da exposição inicial, prevista para 20 minutos, com apoio de gráficos projetados na tela própria. Fechando o programa, a sessão de perguntas dos repórteres sortudos, selecionados por sorteio democrático e as respostas em cima do laço.

Ora, nada disso acontece por acaso. O presidente resolveu ir à

luta, depois de penar o recolhimento tático, até baixar a maré das denúncias e o rumor das explicações insatisfatórias e das apurações inconclusas.

A transição do resguardo para a retomada da ofensiva, com lances de ousadia, não encerra segredos. Suas motivações estão aí mesmo, à vista. E mesmo confessadas nos desabafos da recuperação da loquacidade.

Parte deve ser creditada à pesquisa que conferiu seus altos índices de popularidade. Intocados pela temporada de denúncias. O povo deu de ombros para a enxurrada de escândalos que inundou os jornais, as rádios, as revistas e as televisões. Preferiu manter-se fiel ao êxito do real que aumentou o poder do compra do seu modesto salário e atento à estabilidade dos preços da sua alimentação básica.

Não pode ser só isso. Mas, passa por aí. A segurança do apoio popular, moeda valorizadíssima em ano eleitoral, estimulou o presidente a acordar o governo da sonolência acomodada em que se aquietara.

Parece que perdeu o medo de



ousar. As articulações no Congresso para a aprovação das reformas polêmicas, que estavam paralisadas no desperdício das primeiras semanas da convocação extraordinária do Congresso — que ainda não serviu para coisa nenhuma — ganharam ritmo inesperado. O presidente autorizou acordo com as lideranças sindicais, cedendo em pontos essenciais para viabilizar a aprovação de reforminha de meia-sola na Previdência Social. Mas, ao mesmo tempo, cobra a decisão sobre o projeto do Sivam, inclusive do mal falado contrato com a Raytheon.

No embalo, retomou pessoalmente as articulações com os partidos para tapar as rachaduras na sua base parlamentar. Ontem, almoçou com lideranças do PMDB, a convite do presidente do partido, deputado Paes de Andrade. Ora, partido que oferece peixada não nega o voto. Depois, o PMDB é um caso à parte e que merece compreensão. A grande legenda, decadente e cindida, sonha com a volta dos dias de glória. E com os trompaços que abalaram a jogada da reeleição, entrevê a brecha e vislumbra o candidato, com possibilidades evidentes, capaz do milagre da reunificação da sigla. À disposição para o o der e vier, o senador José Sarney espia o desfile, atento às modas da estação.

Ainda é cedo para arriscar palpites. Por ora, apenas a percepção da mudança na atitude do presidente Fernando Henrique. Reassumiu o exercício da liderança e saiu em campo. Terreno limpo, abandonado pela oposição. A grande ausente do debate nacional.